

♡ Poemas ♡

Quinhentismos

Poemas de Pe. José de Anchieta

Jesus na manjedoura

- Que fazeis, menino Deus, Nestas palhas
encostado?

- Jazo aqui por teu pecado.

- Ó menino mui formoso, Pois que sois suma riqueza,
Como estais em tal pobreza?

- Por fazer-te glorioso E de graça mui colmado, Jazo
aqui por teu pecado.

- Pois que não cabeis no céu, Dizei-me, santo Menino,
Que vos fez tão pequenino?

- O amor me deu este véu, Em que jazo embrulhado,
Por despir-te do pecado.

- Ó menino de Belém, Pois sois Deus de eternidade,
Quem vos fez de tal idade?

- Por querer-te todo o bem E te dar eterno estado, Tal
me fez o teu pecado.

Barroco

Gregori de Matos

Se...

Falsa gentileza vã, A quem segue o teu verdor!
Adverte, que se hoje és flor, Serás caveira amanhã.
Essa beleza louça Te está mesmo condenando...

Se corres, com pano largo, Trás dos deleites de uma
hora, Vê bem que o que é doce agora Te há de ser
depois amargo.

Desperta desse letargo Que que os vícios te detêm, E
vive como convém; Pois se sabes que és mortal, Olha
bem: não morras mal, Olha bem que vivas bem. Se a
esperar tempo te atreves, Mal na vida te confias; Pois
são tão curtos os dias, Quanto as horas são mais
breves.

Deixa os gostos vão e leves, Que tanto estás anelando:
Trata de ir-te aparelhando Para a morte, e sem
demora; Porque não sabes a hora, Porque não sabes o
quando.

Deixa o mundo os enganos, Não queiras em tanta
lida, Por breve gostos da vida Penar por eternos anos.

Arcadismo

Se é Doce

Du bocage

Se é doce no recente, ameno Estio Ver tocar-se a
manhã de etéreas flores, E, lambendo as areias e os
verdores, Mole e queixoso deslizar-se o rio;

Se é doce no inocente desafio Ouvirem-se os voláteis
amadores, Seus versos modulando e seus ardores
Dentre os aromas de pomar sombrio;

Se é doce mares, céus ver anilados Pela quadra
gentil, de Amor querida, Que esperta os corações,
floreia os prados, Mais doce é ver-te de meus ais
vencida, Dar-me em teus brandos olhos desmaiados.
Morte, morte de amor, melhor que a vida

Romantismo

A Duas Flores

São duas flores unidas São duas rosas nascidas Talvez
do mesmo arrebol, Vivendo, no mesmo galho, Da
mesma gota de orvalho, Do mesmo raio de sol.

Unidas, bem como as penas das duas asas pequenas
De um passarinho do céu... Como um casal de
rolinhas, Como a tribo de andorinhas Da tarde no
frouxo véu.

Unidas, bem como os prantos, Que em parelha
descem tantos Das profundezas do olhar... Como o
suspiro e o desgosto, Como as covinhas do rosto,
Como as estrelas do mar.

Unidas... Ai quem pudera Numa eterna primavera
Viver, qual vive esta flor. Juntar as rosas da vida Na
rama verde e florida, Na verde rama do amor!

Castro Alves

Realismo

Ondas de Solidão

Se possuísse uma canoa e um papagaio, podia considerar-me realmente como um Robinson Crusóé, desamparado na sua ilha. Há, é verdade, em roda de mim uns quatro ou cinco milhões de seres humanos.

Mas, que é isso?

As pessoas que nos não interessam e que se não interessam por nós, são apenas uma outra forma da paisagem, um mero arvoredo um pouco mais agitado. São, verdadeiramente como as ondas do mar, que crescem e morrem, sem que se tornem diferenciáveis uma das outras, sem que nenhuma atraia mais particularmente a nossa simpatia enquanto rola, sem que nenhuma, ao desaparecer, nos deixe uma mais especial recordação.

Ora estas ondas, com o seu tumulto, não faltavam decerto em torno do rochedo de Robinson - e ele continua a ser, nos colégios e conventos, o modelo lamentável e clássico da solidão.

Eça de Queirós

Naturalismo

Amor

Amemos! Quero de amor Viver no teu coração! Sofrer
e amar essa dor Que desmaia de paixão! Na tu'alma,
em teus encantos E na tua palidez E nos teus
ardentes prantos Suspirar de languidez!

Quero em teus lábio beber Os teus amores do céu,
Quero em teu seio morrer No enlevo do seio teu!
Quero viver d'esperança, Quero tremer e sentir! Na
tua cheirosa trança Quero sonhar e dormir!

Vem, anjo, minha donzela, Minha'alma, meu coração!
Que noite, que noite bela! Como é doce a viração! E
entre os suspiros do vento Da noite ao mole frescor,
Quero viver um momento, Morrer contigo de amor!
Álvares de Azevedo

Parnasianismo

Olavo Bilac

NEL MEZZO DEL CAMIN...

Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada E triste, e triste e fatigado eu vinha. Tinhas a alma de sonhos povoada, E a alma de sonhos povoada eu tinha...

E paramos de súbito na estrada Da vida: longos anos, presa à minha A tua mão, a vista deslumbrada Tive da luz que teu olhar continha. Hoje, segues de novo...

Na partida Nem o pranto os teus olhos umedece,
Nem te comove a dor da despedida. E eu, solitário,
volto a face, e tremo, Vendo o teu vulto que desaparece
Na extrema curva do caminho extremo.

Simbolismo

ALPHONSUS DE GUIMARAENS

Ismália

Quando Ismália enlouqueceu, Pôs-se na torre a
sonhar... Viu uma lua no céu, Viu outra lua no mar. No
sonho em que se perdeu, Banhou-se toda em luar...

Queria subir ao céu, Queria descer ao mar... E, no
desvario seu, Na torre pôs-se a cantar... Estava longe
do céu...

Estava longe do mar... E como um anjo pendeu As
asas para voar. . . Queria a lua do céu, Queria a lua do
mar...

As asas que Deus lhe deu Ruflaram de par em par...
Sua alma, subiu ao céu, Seu corpo desceu ao mar...

Pré -Modernismo

Moça Linda Bem Tratada Moça linda bem tratada,
Três séculos de família, Burra como uma porta: Um
amor.

Grã-fino do despudor, Esporte, ignorância e sexo,
Burro como uma porta: Um coió.

Mulher gordaça, filó, De ouro por todos os poros
Burra como uma porta: Paciência...

Plutocrata sem consciência, Nada porta, terremoto
Que a porta do pobre arromba: Uma bomba.

Mário de Andrade

Modernismo

Auto-retrato

Provinciano que nunca soube Escolher
bem uma gravata; Pernambucano a quem
repugna A faca do pernambucano; Poeta
ruim que na arte da prosa Envelheceu na
infância da arte, E até mesmo escrevendo
crônicas Ficou cronista de província;
Arquiteto falhado, músico Falhado (engoliu
um dia Um piano, mas o teclado Ficou de
fora); sem família, Religião ou filosofia;
Mal tendo a inquietação de espírito Que
vem do sobrenatural, E em matéria de
profissão Um tísico profissional.

Manuel Bandeira

Contemporânea

Romance em 12 linhas”,

dBruna Beber “

quanto tempo falta pra gente se ver hoje quanto
tempo falta pra gente se ver logo quanto tempo falta
pra gente se ver todo dia quanto tempo falta pra gente
se ver pra sempre quanto tempo falta pra gente se
ver dia sim dia não quanto tempo falta pra gente se
ver às vezes quanto tempo falta pra gente se ver cada
vez menos quanto tempo falta pra gente não querer se
ver quanto tempo falta pra gente não querer se ver
nunca mais quanto tempo falta pra gente se ver e
fingir que não se viu quanto tempo falta pra gente se
ver e não se reconhecer quanto tempo falta pra gente
se ver e nem lembrar que um dia se conheceu”